

O CAMINHO PARA O CERRADO

*** Roberto Rodrigues**

No próximo ano, 2008, será comemorado o centenário da imigração japonesa para o Brasil, que teve grande influência sobre o nosso agronegócio.

Logo no início, os japoneses aportaram dois avanços: a tecnologia em hortifrutigranjeiros e o espírito associativista. Isso permitiu a implantação dos “cinturões verdes” junto aos grandes centros urbanos, através de um sistema cooperativo que organizou o abastecimento de frutas, verduras e legumes, regulando os preços.

Mas a mais importante contribuição dos japoneses ao agronegócio brasileiro foi o Prodecir: Programa de Desenvolvimento do Cerrado, ocorrido nos anos 70, sob a orientação do extraordinário Ministro da Agricultura Alysson Paulinelli.

Até então, a agricultura brasileira era “costeira”, não havia ainda penetrado a grande fronteira do Centro-Oeste, e o cerrado era tido como impróprio para práticas agrícolas, pela sua “pobreza” em nutrientes e baixa capacidade de retenção de água.

Os trabalhos da EMBRAPA no CPAC começaram a mostrar o potencial deste imenso território disponível para o setor rural, mas foi o Prodecir que realmente levou à conquista desta gigantesca área, superior à área de muitos países europeus somadas.

Com recursos do Japão e do governo brasileiro, foi criada a Campo, companhia binacional encarregada de encontrar e comprar áreas do cerrado onde, através de cooperativas pré-existentes e bem sucedidas, seriam assentados produtores capacitados e que receberiam assistência técnica e crédito para tocar sua atividade. Era um modelo de “reforma agrária capitalista”, uma vez que o tamanho da propriedade individual era definida em função da capacidade de renda identificada pela Campo.

Os resultados foram extraordinários, e abriram aos investidores brasileiros a perspectiva de “conquistar” o Centro-Oeste, dando origem ao surgimento de cidades hoje importantes naquela região, irrigando com riqueza e empregos a nossa fronteira, e permitindo a ocupação racional do nosso território.

Os números falam por si. Ao longo destes 30 anos de trabalho no Prodecir, foram abertas 21 áreas em 7 estados: Bahia, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Tocantins.

Através do Prodecir, cerca de 370 mil hectares se incorporaram à produção brasileira, tendo gerado, segundo dados disponíveis até 2004, 7,85 milhões de toneladas de grãos, com ênfase para a soja.

Mas a produção prevista nos projetos é de 650 mil toneladas/ano e 758 colonos oriundos de 20 cooperativas com seus familiares e agregados, realizaram esta proeza, rasgando estradas, levando civilização ao sertão e criando 20 mil

empregos diretos, mais de 41 mil indiretos além de construir uma rede de armazéns com capacidade para 2,25 milhões de tonelada.

Foram gerados impostos da ordem de US\$ 30 milhões, mais do que suficiente para pagar os investimentos feitos pelo governo brasileiro que, aliás, em mais de uma ocasião, no passado, não cumpriu adequadamente seus compromissos com o Japão neste programa.

O fato, porém, é que o Prodecer mostrou o caminho para o cerrado, que hoje tem **370 mil hectares** incorporados à nossa área produtiva. **(total de hectares produzidos hoje)**

Café, leite, irrigação, pecuária de corte, fruticultura, são outros produtos e atividades que o programa levou ao cerrado, sempre introduzindo tecnologias novas, sempre com as cooperativas liderando o processo.

Um grande sucesso, sem dúvida, a ser comemorado no centenário da imigração.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal**